

Aos 20 anos, no seu aniversário, Clênio tornou-se tetraplégico. Hoje, casado e realizado, prova que recrear o sentido da vida é tarefa para os que têm gana e força de ir em frente

# Quando viver é arte

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

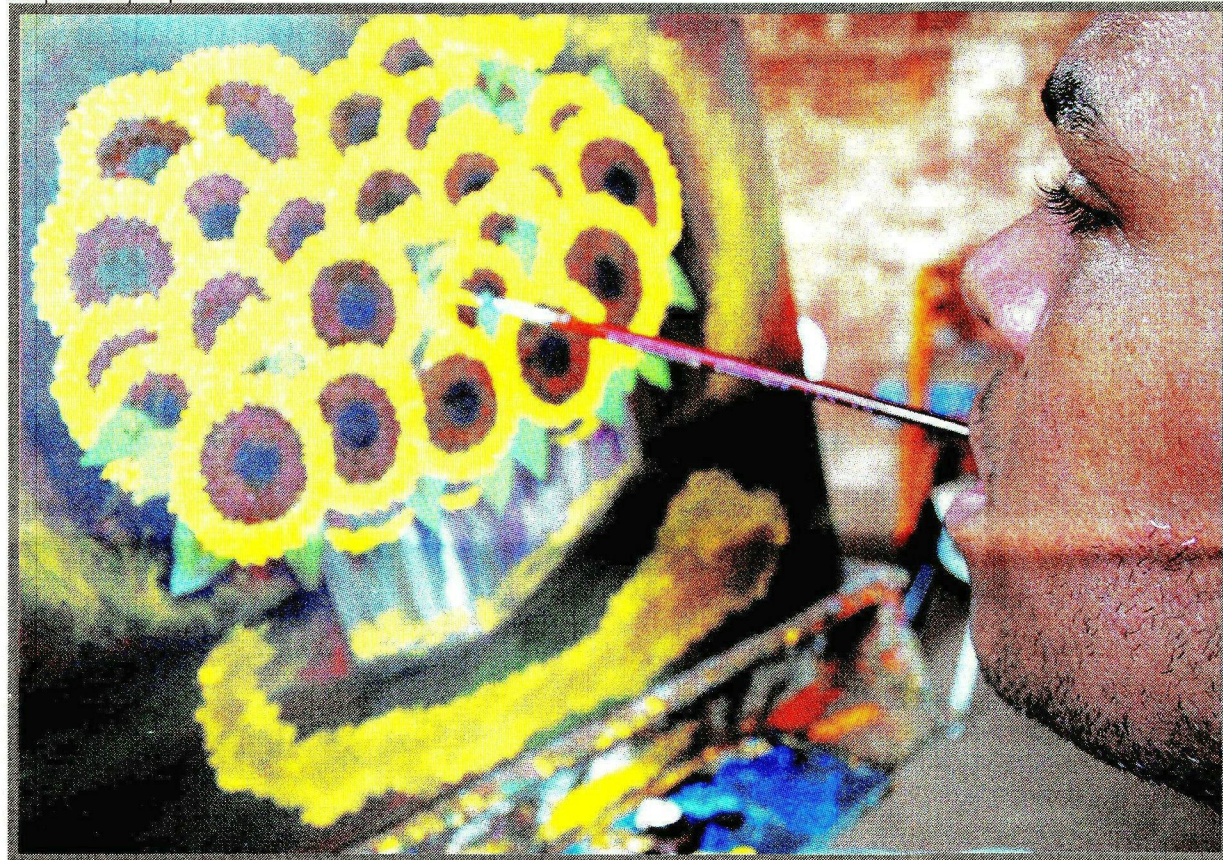
**A**lma de artista. E de guerreiro. Perfil mais do que correto para descrever um dos primeiros habitantes do Recanto das Emas, o pintor Clênio Ventura, 36 anos, que reiventou a vida e aprendeu a fazer arte, depois de sobreviver a uma tragédia que, para muitos, equivaleria a deixar de viver. Aos 20 anos, no dia do seu aniversário, durante um mergulho na barragem de Santo Antônio do Descoberto, bateu a cabeça numa pedra, fraturou duas vértebras e trincou outra. O que seria festa virou desespero: a partir dessa data Clênio tornou-se tetraplégico.

“Saltei, bati numa pedra e lembro que a dor foi enorme. Só me encontraram devido a grande quantidade de sangue que perdi. Me levaram para o Hospital de Base, que estava em greve. Fui largado num quarto, e fiquei em decúbito frontal durante uma semana. Ninguém me dava banho, o sangue continuou em todo meu corpo, não tinha assistência das enfermeiras, e portanto não bebia água, e no final, dezenas de baratinhas rondavam meu colchão. Foi um horror”, lamenta o artista.

Depois deste período, foi internado no setor de reabilitação do Hospital Sarah Kubitschek, onde ficou seis meses. O médico lhe alertou: se seus movimentos não voltassem em nove meses, nunca mais voltariam. O pior aconteceu. Quando Clênio recebeu uma cadeira de rodas com seu nome colado na traseira do utensílio, pensou que não ia sobreviver. “Foram dois anos de depressão tão grande que eu não queria sair na rua. Queria morrer”, recorda o artista. Até que um dia, uma visita de uma prima lhe abriria portas para uma nova vida. “Ela chegou e perguntou se eu não tinha vontade de pintar. Lembrei que já tinha visto matérias falando de pessoas que pintavam com os pés e com a boca. Resolvi tentar”.

As primeiras incursões na arte foram feitas com cartolina, caixas de sapato e tinta guache. “Não parava um minuto, queria pintar o tempo todo, mas não tinha di-

Monique Renne/Especial para o CB



**PINTAR FOI A FORMA DE SE TORNAR LIVRE E VOLTAR A SONHAR. PARA O FUTURO, ARTISTA QUER EXPANDIR MERCADO E VIAJAR**

nhinho para comprar material”, lembra. Até que Alberto Cabeça, um amigo artista, vizinho do Recanto das Emas, resolveu dar uma “forcinha”. “Ele ligou para os jornais e para as televisões e me tornei conhecido. Depois disso, dezenas de artistas me procuraram e doaram material”, recorda. Cristina Portela, grande amiga e também pintora, abriu definitivamente o mercado para Clênio. “Ela me apresentou a Associação Internacional dos Pintores com Pé e Boca”. Ele fez uma exposição e vendeu, de uma só vez, 19 quadros.

Desde então, não pára de pintar. “São cerca de seis horas por dia, conta Clênio, que utiliza, principalmente, o quintal da casa onde mora, na quadra 114, para produzir os quadros. Mas nem sempre foi assim. Quando chegou ao Recanto, há doze anos, Clênio, a mãe Lenir e o irmão de 11 anos, não sabiam o que fazer com o pedaço de terra que ganharam. “Eu não tinha dinheiro nem condição de erguer uma casa, muito menos meu irmão, que era uma criança, e minha mãe, uma senhora de idade. Quem me deu de presente todo o material, inclusive a construção, foi um amigo empresário”, recorda. Nessa época, lembra, o Recanto das Emas “era terrível”. “Não podia ficar for a da

casa, pois ainda não havia construído um muro, e os vendavais eram constantes. Não se enxergava nada, pois a poeira tomava conta de tudo. A única época possível de ficar na varanda era no inverno”, lembra.

Há dois anos, após a morte da mãe, ele buscou o serviço de uma enfermeira. Foi quando conheceu Nina Alves Moreira, 37 anos, um tipo mignon, bonita e que transformaria sua vida. “Quando a conheci, perguntei se ela casaria com uma pessoa como eu”, recorda. Sincera, ela respondeu que não. Mas uma semana depois, Nina admite que seus sentimentos começaram a mudar. “Sabia que não era fácil. Mas me apaixonei e resolvi enfrentar”, confessa a moça. Detalhe: Clênio namorou outras moças antes de Nina e é pai de Pamela, uma garota de 12 anos.

Após tantos sofrimentos, perdas e superações, Clênio diz estar feliz. Realizado no trabalho, que o mantém, e no amor. “Apesar de ter nascido em Taguatinga, adoro o Recanto das Emas, que hoje se tornou uma cidade com infra-estrutura, amigos, e razoável qualidade de vida.”, diz. Um sonho? Viajar e conhecer novos lugares. “Adoraria ir até o Nordeste do Brasil”..